

Compulsão de *Clarisse*

MARIANA VILELA

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021

Clarisse na sala de aula

Eram frequentes os urros que vinham do banheiro do colégio. Às vezes, eram mais silenciosos. Outras vezes, bem exagerados.

A descarga levava os sinais da sujeira e não se via mais vestígios do retorno da grande quantidade de comida que foi digerida na noite anterior.

Junto com as outras meninas que deixavam a casa de banho no mesmo horário, ela passava despercebida com sua mochila cor de verde-oliva.

Voltava e sentava na cadeira de madeira desconfortável da sala de aula. Sétima série do ginásio. 1953. Tabelas periódicas. Equações matemáticas que ocupavam uma lousa inteira.

A vontade mesmo era de se esconder. Existia um jeito de sumir, de se tornar transparente?

Quanto mais Clarisse se esforçasse para entender toda a lição e ser uma boa aluna, sabendo da necessidade de honrar todos os investimentos que foram feitos pela família na melhor escola em regime de internato da cidade, o Colégio

Dr. Dom Ubaldo Pires filho, mais a inquietude tomava conta de seu corpo.

Na sala de aula, junto a outras meninas de sua mesma idade, todas com uniforme de saia plissada que batia no meio da canela, Clarisse sentia-se como uma forasteira.

De repente, ia fantasiando em sonhos de princesa nos quais era salva por um príncipe montado no seu cavalo, com cabelos longos e lisos a cavalgar pela floresta, que se alternavam com pensamentos ansiosos e obcecados.

Quando tentava voltar pra aula, já tinha perdido o fio da meada. Não tinha como escapar. Era um tormento vergonhoso.

— Clarisse, é com você. Você ouviu a pergunta? Em quais grupos da tabela periódica podem ser encontrados: um halogênio, um metal alcalino, um metal alcalinoterroso, um calcogênio e um gás nobre?

— Oi? Desculpe. Não sei, professora.

— Mas por onde você está, menina? – esbravejou a Sra. Lucinda Fonseca, professora de álgebras e uma das mais ranzinzas do colégio mais respeitado para a formação de moças da cidade.

— Essa rapariga tem problema. Só pode!

As meninas da sala gargalhavam, e o olhar de Clarisse tornava-se cada vez mais fugidio.

A jovem sabia da sua dificuldade de concentração. Percebia o quanto perdia tempo nesse processo labiríntico e mais raivosa ficava de si mesma. Tinha vergonha e sentia um vazio

sem tamanho. Às vezes, no banheiro, batia-se na face, com raiva, sozinha.

E a comida passou a ser sua maior válvula de escape. Era o seu momento mais prazeroso naqueles dias, e a sua maior aflição.

Os hormônios gritando, e a concentração oscilando do chão ao céu. E seu peso aumentando.

A bulimia foi simplesmente chegando, sorrateira, não lembra bem como começou.

Nascida na zona rural e depois criada na cidade escondida no meio do nosso cerrado brasileiro, Clarisse veio ao mundo filha caçula de doze irmãos – cinco homens e sete mulheres.

Pouco sobrou de afeto para a “raspa do tacho”, “fim de safra”, “ponta de rama”, expressões que se usavam lá para aquelas bandas para designar a filha caçula que vem ao mundo meio que sem querer, meio fora de hora.

A mãe, Antônia Maria, tentava acudir daqui, mãe que acudia dacolá. Tanto menino pra cuidar.

Mal dava espaço para tratar das atenções dos moleques que tinham de fazer a lição de casa para poder brincar com seus carrinhos feitos de sabugo de milho e rodopiar pião de madeira, e das irmãs mais velhas que tinham de pôr vestido com babado, fazer laço apertado para ter boa aparência para esperar as visitas que chegavam sem avisar.

Mal dava conta de orientar toda aquela grande família, a fazer os mandos para Valenciana, mais conhecida como Zizinha, a empregada. A manter toda aquela limpeza da casa,

a colocar comida na mesa onze horas ao ponto, como aprendeu na tradição da finada mãezinha, Dona Catarina.

— Corre, Zizinha! Aprume esta mesa! Ensaboe as roupas do Pedro e do Joaquim! Olhe estas meias, encardidas!

“Engome estas saias rodadas da Josefina e da Aparecida”, dizia Sra. Antonia Maria à Zizinha em voz alta, sempre num português formal e num altivo modo de fazer os mandos e desmandos.

À noitinha, a janta não poderia passar das seis. Ave Maria, se algum dia passasse da hora. Ela própria, Antonia, mulher regrada e rigorosa, não permitiria que isso acontecesse de jeito algum. Era a tradição da família há tempos. Não seria ela quem iria quebrar as regras.

Era muita coisa para a mãe de Clarisse, afinal. Não sobria mesmo colo para a menina, que chegou por último na família, ainda quatro anos depois do irmão Vicente.

Todos estavam cansados, já, de tanta criançada. Quem mandou nascer de temporão?

Antes de morar na cidade para frequentar o colégio, parte da vida da menina foi viver na Fazenda Três Corações, que abrigava toda a família Porfirio da Costa.

Tinha a sede, onde ficava a família principal: O casal José Alcides e Antonia Maria Porfirio da Costa. As filhas mulheres Filomena, Creuza, Ana Maria, Josefina e Florisbela, e os irmãos Paulo, José Alcides Filho, Pedro, Florêncio, Joaquim, Benjamim e Vicente.

Ainda tinha Zizinha, a empregada da casa e a mulher mais presente para todos os assuntos. Era a quituteira, conselheira, cuidadora, assistente para todas as horas.

Achava que deveria ser grata por ter sido acolhida pela família, já que sua história triste, tendo perdido os pais tão cedo, assassinados de maneira trágica por causa de briga de terra, a deixou sozinha no mundo, e os Porfírio da Costa, que eram conhecidos dos pais de Zizinha, pegaram a menina cedo para trabalhar.

O nome correto de Zizinha era Valenciana, mas todos o achavam muito grande e complicado, então desde que a menina tinha quatro anos de idade, lhe deram o apelido.

Era também ela quem cuidava de manter em ordem a casa da fazenda, que era mesmo avantajada de espaço: tinha ao todo, sete quartos. O primeiro, abrigava o casal Porfírio, mais dois quartos para dividir as cinco mulheres e outros dois para dividir os rapazes.

Um outro quarto para abrigar alguma visita da família, que eventualmente chegasse às pressas, além do pequeno aposento de fundo, para abrigar Zizinha.

Mais três casas menores que abrigavam os capatazes e, eventualmente, alguma família de ajudantes na lida do gado da fazenda.

A casa era assim, bem grande, mas era um tanto desproporcional. É porque os quartos mesmo eram bem pequenos. As janelas eram bem menores ainda: um quadradinho para cada quarto. Dos banheiros, nenhum tinha janela.

O que era maior naquela morada dos Porfírio da Costa era mesmo a sala de jantar, que tinha uma grande mesa, com tanta quantidade de cadeira que eu nem saberia contar.

Dava para a família toda e para quem mais viesse se ajuntar pra “bóia” pronta, geralmente feita por Zizinha e apresentada pela D. Senhora Antonia Maria Porfírio da Costa.

Seu nome, antes de se casar, era Antonia Maria Vincenza, mas como casou com o fazendeiro: seu José Alcides, o marido era que abandonasse o nome de solteira.

Antonia Maria Vincenza era de descendência italiana: uma mulher alta, esguia, face angular, nariz comprido, queixo proeminente. Tudo era um traço reto na mulher.

Tinha alguma beleza no rosto, mas os olhos estavam opacos, como se algo tampasse a visão. A boca, sempre apertada, dificultando que sorrisos fossem vistos nos lábios finos.

Além daquele casarão, a família tinha uma casa na cidade, que era parecida com a sede da Fazenda, mas em miniatura e com um portão quase aberto para a rua.

Isso, porque as visitas eram bem-vindas, mas era sempre melhor que fossem parentes de sangue. Os Porfírio da Costa davam preferência para quem fosse da mesma casta.

Aos meninos, filhos dos esposos, o correto era ter presença firme, acompanhando a lida do gado lá da propriedade, e às moçoilas, importava ter uma atividade extra, aprender a tocar um instrumento a fim de entreter a casa e os futuros maridos, se assim Deus permitisse que os arranjasse.

— Creuza Maria, vamos afinar as cordas do violino? A professora vai tomar a aula. Já estudou a última sinfonia?

Zizinha precisava ajudar Antonia Maria a ver se as moças estavam tocando o instrumento igual era ensinado no Conservatório Chiquinha Gonzaga, aprendendo a lição de forma direita, vestidas de maneira alinhada. O que a caçula poderia esperar?

Como era aborrecedor pôr aquele vestido pomposo, que prendia a cintura num calorão de cerrado. Era muita moça, muito moço, fazendo nada de atividades que ela entendia por sua.

O prazer de Clarisse era apenas ansiar por aquelas festas de aniversário de um dos irmãos, que reuniam toda a criançada na casa da fazenda ou da cidade, pra aguardar as sobras de doces, bolos e quitutes preparados por Zizinha, e assim poderia ingerir tudo, sem pensar em mais nada.

Devorava igual a uma leoa que acabou de achar a presa, como se não tivesse ideia de quando encontraria a próxima comida pela frente. Dava dó de se ver. Foram anos assim.

Anos desse jeito que a menina se arrumava, com toda a vontade e voracidade. A fome parecia que não dava fim.

A adição ocupou a alma da garota durante tanto tempo da vida. E o pior era o outro dia. Como é que ia explicar para tanta gente, para aquela família farta e generosa de tantos moleques e moçoilas, que as guloseimas passavam a sumir da geladeira?

Porfirio da Costa, família fina, educada, de boa reputação, a qual ela pertencia, olhava para a menina igual a uma gulososa, um pato feio, diferente da elegância esbelta que era o esperado para meninas da família.

E-mail: marianavilelajornalista@gmail.com

Facebook: /mariana.vilelaqueiroz

Instagram: @marianavilelajornalista

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Utopia Std pela
Editora Penalux e impresso em papel off-
white 80 g/m², em novembro de 2021.
